

(15) criaram uma situação em que pessoas deveriam ficar, frente a estranhos sorridentes ou carrancudos. O sorriso do outro fez correr o tempo, sua carranca o breiou.

**SABER A RESPEITO DO TEMPO PSICOLÓGICO** Que a percepção da duração decorra de uma **construção psicológica**, acho que toda esta exposição permite crer. Mas construção não significa invento ou fantasia, a construção é a própria maneira de se chegar a uma realidade que não vem pronta através dos órgãos dos sentidos, que não jorra automática de fontes inatas. Não dispondo de um acesso imediato ao **dado** temporal (não cabe, por enquanto, pararmos sobre a questão de se há um **dado** temporal ou envolver-nos em discussão filosófica a respeito da existência do tempo ou de sua **direção**) o indivíduo aproveita a informação disponível, seja ela decorrente de processos internos ao seu organismo, seja ela proveniente de dicas ambientais, interpretando e apostando. Níveis diferentes de avaliação, da fração de segundo, ao mês e ao ano, exigirão estratégias diferentes e a padronização social se exercerá com toda a potência, estabelecendo quadros temporais que, se arbitrários do ponto de vista do tempo abstrato, não deixam de possuir a concreticidade exigida pela interação humana.

*César Ades é professor do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia (USP)*

\* Texto originalmente publicado na *Coleção Documentos*, série *Estudos sobre o tempo*, fascículo 1, do Instituto de Estudos Avançados da USP, em fevereiro de 1991.

## Referências bibliográficas

- Borges, J.L. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Editora Globo, 1986. (Edição original, 1969).
- Poynter, D.: "Judging the duration of time intervals: a process of remembering segments of experience". In: Levin, I. e Zakay, D. (Org.) *Time and human cognition: a life-span perspective*, Elsevier Science Publishers (North Holland). 1989.
- Block, R.A., George, E.J. & Reed, M.A. "A watched pot sometimes boils: a study of duration experience". *Acta Psychologica*, 46, 81-94, 1980
- Ornstein, R.E. *On the experience of time*, Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books, 1969.
- Wilsoncroft, W.E. & Stone, J.P. "Information processing and estimation of short time intervals". *Perceptual and Motor Skills*, 41, 192-4, 1975.
- Marshall, M.J. & Wilsoncroft, W.E. "Time perception and the Stroop task". *Perceptual and Motor Skills*, 68, 1159-62, 1989.
- Fraisse, P. *Psychology of time*, New York: Harper & Row, 1963.
- Wilkening, F., Levin, I. & Druyan, S. (). "Counting strategies for time quantification and integration: a developmental study". *Developmental Psychology*, 23, 823-31, 1987.
- Predebon, J. "Retrospective time judgments and clock duration". *Perceptual and Motor Skills*, 66, 19-24, 1988.
- Cipolla-Neto, J., Marques, N. & Menna-Barreto, L.S. (Org.). *Introdução ao estudo da cronobiologia*. São Paulo: Ícone, 1988.
- Church, R.M. (). "Properties of the internal clock". *Annals of the New York Academy of Sciences*, 423:566-82, 1984
- Fraisse, P. "Perception and estimation of time". *Annual Review of Psychology*, 35, 1-36, 1984.
- Edmonds, E.M., Cahnon D. & Bridges, B.A. "The estimation of time as a function of positive, neutral and negative expectancies". *Bulletin of the Psychonomic Society*, 17, 259-60, 1981.
- Hawkins, M.F. & Tedford, W.H. "Effects of interest and relatedness on estimated duration of verbal material". *Bulletin of the Psychonomic Society*, 8, 301-302, 1976.
- Thayer, S. & Schiff, W. "Eye contacts, facial expression and the experience of time". *Journal of Social Psychology*, 95, 117-24, 1975.

## A PERSPECTIVA DE TEMPO NO SONHO

Therezinha Moreira Leite

O sonho, fenômeno de ordem psicológica e representação com foros de ilogicidade à lógica característica de vigília, se revela essencial à realização integrada no ser humano. Seu espaço justamente refere a abertura possível a conteúdos de tipo onírico que são relatados em vigília, freqüentemente em momentos de relaxamento diante de estruturas do pensamento e da lógica vígil. Especialmente em psicoterapia e psicanálise, conclusões, decisões, continuidade no processo do desenvolvimento pessoal ou grupal, são fartamente documentadas após relatos de sonhos e elaborações de conteúdos de tipo onírico. Desse ponto de vista, um princípio básico de desvendamento de conteúdos e sentidos de sonhos aponta a relevância de se levar em conta o tempo do sonho; isto é, a importância de se respeitar a continuidade do relato e a continuidade de associações próprias ao sonhador, considerando-se especialmente o sentido que se revele nele próprio. Interpretações apressadas de significado podem constituir impropriedade em relação ao conteúdo e, especialmente, ao sonhador e sua existência, bem como ao tempo do sonho, e ao tempo do sonhador.

No relato, único referencial com que contamos de experiência a níveis cognitivo e afetivo no sonhador, e vivida em representação peculiar de tempo e espaço, estas são mediadas pela lógica de vigília. As relações expressas pela linguagem falada não constituirão reprodução exata do material de sonhos. Estarão impregnadas pela tentativa de articulação adequada de um conteúdo com caráter de realidade mas ilógico e irracional (segundo linguagem corrente), para comunicação inteligível a um outro, e também para si mesmo.

O movimento para articulações novas e para a mudança que decorre do trabalho com sonhos, possibilita a percepção do tempo no sonho como transposto a um plano de relações não-factuais em que o sujeito conta com graus de liberdade inerentes a processos criativos. Dados determinantes da história pessoal, da simbologia e da linguagem próprias à cultura, mas também à estrutura e dinâmica inerentes ao sonhador, condicionam essa articulação e mudança. Como os **restos diurnos** se prestam à formação de sonhos, estes provêm **restos noturnos** para a continuidade da elaboração psíquica e da realização do dia a dia.

Somos então confrontados com o tempo em extensão ampla: passado, presente e futuro se encontram nos vários pontos de intersecção em que as imagens apontam para o sentido que, fundamentalmente, se encontra no sujeito. Numa rede de significantes que ficam explicados no tempo e espaço pessoais, a relação entre os elementos da estória (do sonho) se faz numa rede de sentidos; não em uma seqüência cronológica, como se entende a sucessão em anterioridade e posterioridade na História. O **caos**, como podemos conceituar o não-tempo e a modalidade de seqüência em sonhos, permanece importante vetor para a construção humana nesse contexto, relevante justamente pela ordenação de experiências vitais de caráter afetivo e cognitivo que configura e sugere como verdade à consciência vígil.

Regras e ordenações específicas em sonhos podem ser extraídas dos aspectos formais em sua apresentação. É o que acontece quando a cena inicial indica a conclusão do tema tratado, no entanto, sucedendo-se a ela, os elementos que constituem a trama em outras condições, é apresentada em momento anterior. Fases na progressão do trabalho em sonhos têm sido indicadas como progressão a um epílogo. Diversamente, insiste-se aqui na elaboração temporal como elemento inerente ao sonhador e a seu sonho: esta perspectiva, e os dados colhidos segundo a mesma poderão, possivelmente, contribuir ao entendimento da estrutura subjetiva e do processo psíquico em particular.

A ocorrência de sonhos com temas típicos e com temas de caráter universal exige que sejam consideradas questões a respeito da possível caracterização dos sonhos em culturas diferentes, em grupos de diversas atuações profissionais, em várias idades “...são dados que ressaltam o caráter cultural e grupal não apenas do ponto de vista pessoal, mas social” (1). No entanto, não se exclui a necessidade de se considerarem as associações a esses conteúdos nos sonhos individuais, para se compreender o sentido que tomam na elaboração pessoal de cada um.

Em vista desses dados, no entanto, pode-se atestar o sentido social do sonho, bem como sua importância para o grupo humano. Aliás, seu uso para entendimento do sujeito e para indicações em sua realização vem de longa data, como indicam as inscrições em textos gregos, egípcios e, em especial, as referências bíblicas. Freud, em seu livro *A interpretação dos sonhos* cita, por exemplo, como Alexandre parte para a batalha, depois de um sonho que o orientou para essa realização, da qual saiu vencedor (2). Estudos e pesquisas atuais têm-se dirigido ao levantamento de características no nível social e cultural como as citadas acima. Especialmente com isso poderíamos reconhecer que a formação e a temática onírica se originariam num amálgama comum à existência humana, ainda que se diferencie em cada um. Em conclusão, podemos referir o sonho como inserido igualmente na história humana, como o referimos inserido na história subjetiva. Uma grande contribuição a seu valor na vida humana será poder reconhecer o sentido de seu conteúdo inserido no valor simbólico cultural de sua linguagem. Seu tempo estará, então, marcado pela história em que se desloca o sujeito.

*Therezinha Moreira Leite é psicóloga e professora aposentada do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia-USP*

## Referências

- 1 Davignaud, J., Davignaud, F. e Corbeau, J-P. *La banque des rêves*, Paris, Payot, 1979.
- 2 Freud, S. *La interpretación de los sueños*. Obras completas, Madrid: Biblioteca Nueva, 1948, p. 231-581.

## TEMPO, INDIVÍDUO E VIDA SOCIAL\*

Maria Helena Oliva-Augusto

**T**endo como fio condutor as análises que procuram discutir como se dão as relações que as pessoas mantêm com o seu tempo, este texto busca examinar os vínculos entre tempo, indivíduo e vida social, acentuando, principalmente, as diferenças existentes entre uma vivência orientada pela perspectiva do futuro, característica da modernidade, e outra que, centrada no momento presente, para alguns analistas, indicaria o nascimento de uma nova ordem social. Será também avaliada a hipótese que aponta para a emergência de um novo tempo social dominante e de novas formas de manifestação da individualidade, elementos que caracterizariam o surgimento dessa nova ordem.

\* \* \*

O tempo social dominante de uma sociedade é aquele que lhe permite cumprir os atos necessários para a produção dos meios que garantem sua sobrevivência, possibilitando a criação, manifestação, realização e atualização de seus valores fundamentais.

Os procedimentos envolvidos nesse processo qualificam aqueles que os utilizam, a sociedade em que vigoram e as relações sociais que desencadeiam. Em cada tipo de coletividade, e em todos os níveis, a satisfação das existentes e a criação de novas necessidades, a transmissão à descendência do modo adequado de ser e da maneira desejável de agir, atribui significados, faz nascer valores que passam a ser compartilhados, constituindo modos de vida e tipos de sociabilidade.

A forma pela qual uma dada sociedade garante a manutenção da vida, expressa no seu modo de produzir, nas regras que a organizam e nas principais atividades exigidas por essa produção, interfere sobre o seu ritmo temporal e indica qual é o tempo que nela predomina. Como as atividades que são secundárias para a definição desse processo articulam-se em torno dele, os tempos sociais em que essas atividades se desenvolvem: articulam-se em torno do tempo social dominante e submetem-se a seu ritmo. (1)

As mais diferentes teorias sociais qualificam a ordem social moderna como “sociedade do trabalho”, exatamente porque reconhecem na categoria trabalho sua dinâmica central. O tempo do trabalho – regular, homogêneo, contínuo, exterior, coercitivo, linear e abstrato – é o tempo social nela dominante. Por conseguinte, qualquer dos outros tempos sociais existentes, referentes a atividades que não são determinantes para sua caracterização, é penetrado por esses traços, que adquirem a conotação de identificadores do tempo. Pessoas e instituições lhe estão submetidos, fazendo com que a própria definição de ser social – individual e coletivo – sofra a mediação dos conceitos de trabalho e tempo de trabalho.

Entretanto, atualmente, o trabalho vem sendo questionado como valor central da vida social, tanto objetiva como subjetivamente. (2) É identificada uma crise, ligada ao fim da percepção da categoria trabalho como dimensão qualificadora da sociedade, e do tempo a ele referente, como tempo dominante (3), sugerida a transição para um novo conjunto de significados, a emergência de uma nova ordem e, em decorrência, de um novo tempo social dominante, ainda que não plenamente configurados.